



REVISTAVISUAIS

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS DA UNICAMP

Mundo Novo:

olhar a

pintura

de

Ilídio Salteiro

João Paulo Queiroz

Portugal. Doutor em Arte Multimédia pela Ulisboa, Membro do Centro de Investigação e Estudos em Belas Artes (CIEBA), Professor da Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa
joaqueiroz@edu.ulisboa.pt

Mundo Novo: olhar a pintura de Ilídio Salteiro

Resumo

Apresenta-se uma leitura crítica sobre “Mundo Novo” a exposição de pintura de Ilídio Salteiro no Salão da SNBA, em Lisboa, Portugal, no começo de 2024. Relaciona-se a proposta com algumas regularidades poéticas (o pântano, a casa, a ponte, a ilha, o muro) e plásticas (a pintura a óleo, as camadas de tinta, a organização em dípticos ou em séries). Visitam-se alguns dos lugares da topografia excursiva da sua iconografia, selecionando alguns exemplos, como a Ponte, a Torre, o Muro, a Casa, o Paraíso, o Livro, e procurando enfatizar alguns tópicos de exploração plástica. Conclui-se revelando uma atitude proposicional ética e plástica que articula toda a sua expressão visual, ligando solidamente as mais dispersas referências.

Palavras-chave

Ilídio Salteiro, SNBA, Exposição, Pintura, Mundo Novo.

New World: looking at the painting of Ilídio Salteiro

Abstract

A critical reading is presented on "New World," the painting exhibition by Ilídio Salteiro at the SNBA Salon in Lisbon, Portugal, in early 2024. The proposal is connected to some poetic regularities (the swamp, the house, the bridge, the island, the wall) and plastic regularities (oil painting, layers of paint, organization in diptychs or series). Some locations of the excursive topography of his iconography are explored, selecting examples such as the Bridge, the Tower, the Wall, the House, the Paradise, and the Book, while seeking to emphasize certain topics of plastic exploration. The conclusion reveals an ethical and plastic propositional attitude that articulates his entire visual expression, solidly linking the most disparate references.

Keywords

Ilídio Salteiro, SNBA, Exhibition, Painting, New World.

Nuevo Mundo: Mirar la Pintura de Ilídio Salteiro

Resumen

Se presenta una lectura crítica sobre "Nuevo Mundo," la exposición de pintura de Ilídio Salteiro en el Salón de la SNBA, en Lisboa, Portugal, a principios de 2024. La propuesta se relaciona con algunas regularidades poéticas (el pantano, la casa, el puente, la isla, el muro) y plásticas (la pintura al óleo, las capas de pintura, la organización en dípticos o en series). Se visitan algunos de los lugares de la topografía excursiva de su iconografía, seleccionando ejemplos como el Puente, la Torre, el Muro, la Casa, el Paraíso y el Libro, procurando enfatizar ciertos temas de exploración plástica. La conclusión revela una actitud proposicional ética y plástica que articula toda su expresión visual, conectando sólidamente las referencias más dispersas.

Palabras clave

Ilídio Salteiro, SNBA, Exposición, Pintura, Mundo Nuevo.

1. Mundo Novo

Ilídio Salteiro apresentou uma ampla exposição, partilhando o espaço com Dora Iva Rita, no Salão da Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa, no começo de 2024, de 7 de fevereiro a 2 de março (Figura 1). “Mundo Novo,” era o título proposto, e nela se apresentou um conjunto sólido de várias dezenas de obras, abrangendo uma abordagem lustral e intensa, que revisita a “paisagem de invenção” praticada pelos antigos, assim como também revisita as práticas da pintura a óleo sobre tela.

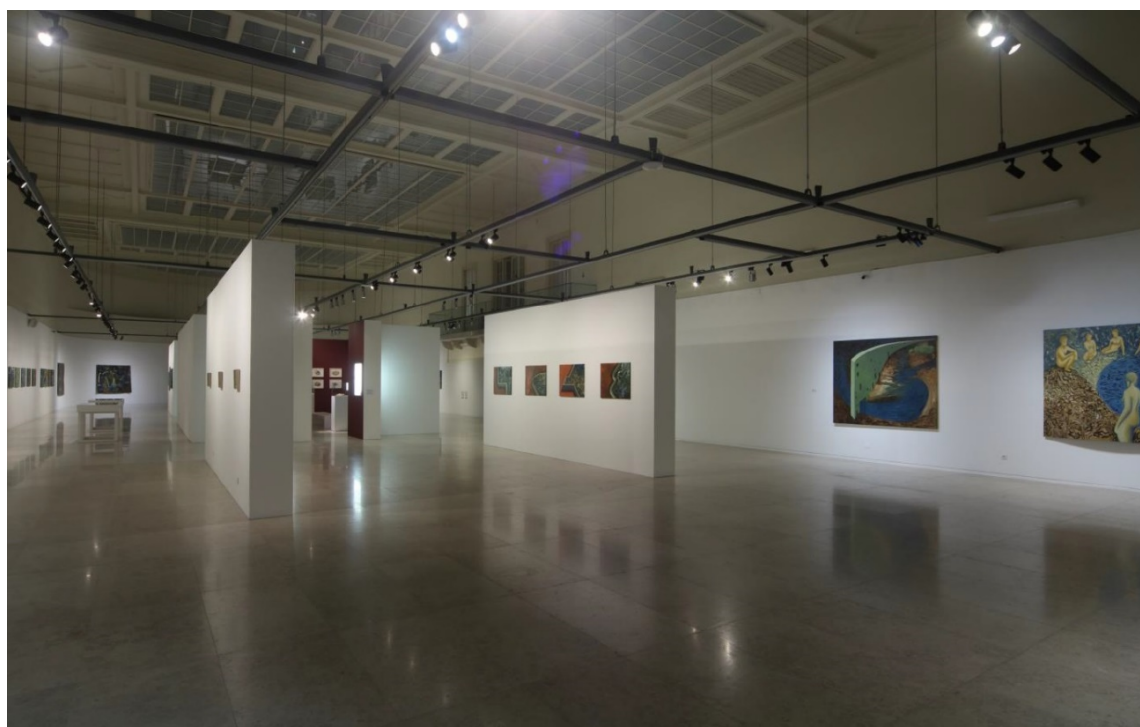


Figura 1 - Vista da exposição de Ilídio Salteiro, Mundo Novo, no Salão da SNBA, em 2024.
Foto: João Paulo Queiroz

O Salão é um espaço bastante amplo, com mais de 20 metros de largura por mais de 60 de comprimento, com elevado pé-direito, ocupando o corpo central do edifício. A exposição desenvolve-se ao longo deste espaço, ocupando confortavelmente vários painéis amovíveis que se desenvolvem de modo paralelo e com uma expressão dimensional de grande naturalidade. A obra cresce, evolui, respira e observa-se com o conforto da distância, abrangendo-se mais de 90 trabalhos de média ou grande dimensão (entre as maiores pinturas, as sete telas com 1,62 x 2m).

2. Voo sobre o pântano

A paisagem apresentada por Ilídio Salteiro, nas suas obras, é de proximidade, de olhar rasante sobre o terreno, e nela distinguem-se acidentes dentro de uma aparência indistinta. Sobre as camadas mais húmidas desdobra-se o brilho do sol e dos vivos, dos vermes e de outros minúsculos corpos que respiram, pequenos e brilhantes. Adivinham-se respiradouros, espiráculos, bocas de acesso, vestígios de passagens (Figuras 2, 3 e 4). A textura é pontuada pelos buracos e pelos abrigos, dos moluscos e do lodo, numa inquietude domada (Cirillo, 2024).

O horizonte é elevado, ou não se explica, ou não se apresenta, numa espécie de vista pairante, suspensa a pouca altura, adivinhando-se um trajeto aéreo e interrogador. Estamos em *Terra Incognita*, no Mundo Novo. Chegámos há pouco, convivemos com a flora e a fauna, que interrogamos primeiro, na qual planeamos nos entretecer, misturando as futuras respirações e os *habitats*.

Perguntamos, pois, o nosso lugar no mundo.

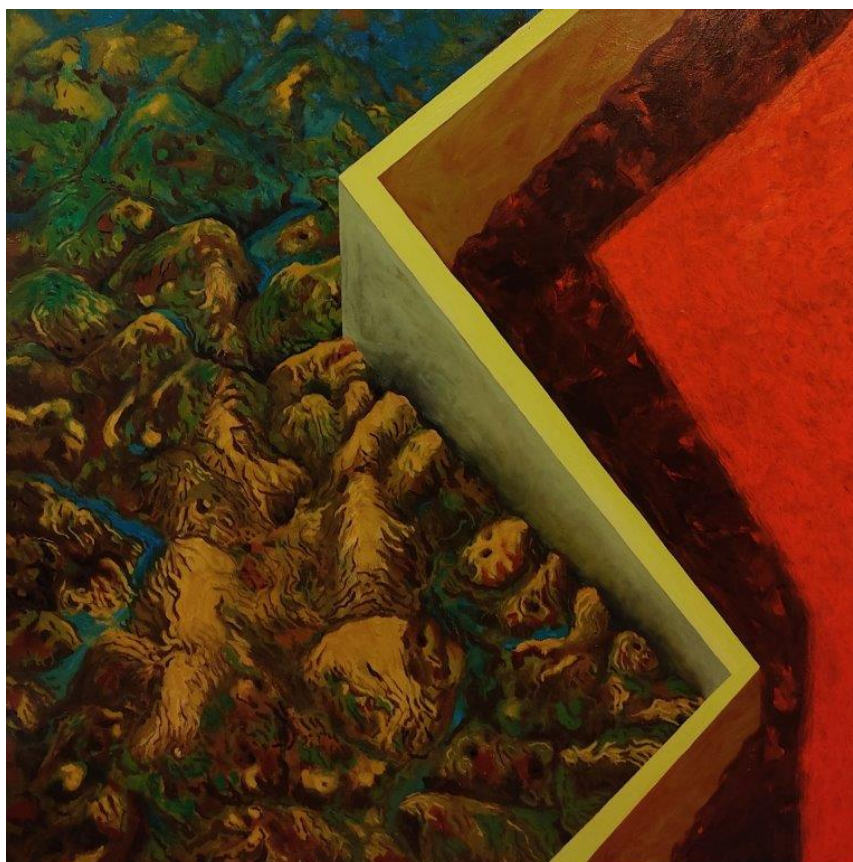


Figura 2 - Ilídio Salteiro, Sem título, 2021, óleo sobre tela, 100 x 100 cm.

Os muros, presentes neste grupo de pinturas nomeadas “delimitações,” encerram e transportam o seu conforto humano, e ao mesmo tempo a sua obsolescência ontológica: o que é um muro? As interrogações podem alargar-se, reparando primeiro na mesquinhez da propriedade materialista e orgulhosa, até ao desentendimento em larga escala que os muros, que existem entre territórios, cidades e pessoas, sempre incorporam. Os muros afastam, proíbem, separam e dividem. Os muros são a consequência do mapa, a concretização de uma fronteira, o limite sensível de uma ideia política. São uma afronta à natureza rica e sem fim.

Ao mesmo tempo e um pouco mais abaixo, nos declives mornos das colinas algo adocicadas por umas pequenas laranjeiras e por umas quase elegantes amendoeiras, a terra escurece com outras humidades salobras. O sal destas águas rasas quase a esteriliza, por um lado, e preenche de vida anfíbia e freática, por outro. É vida adaptada aos ambientes mais salinos e transparentes, a meias com as algas verdes do oceano tépido, recebendo os abraços regulares das ondas e das marés.

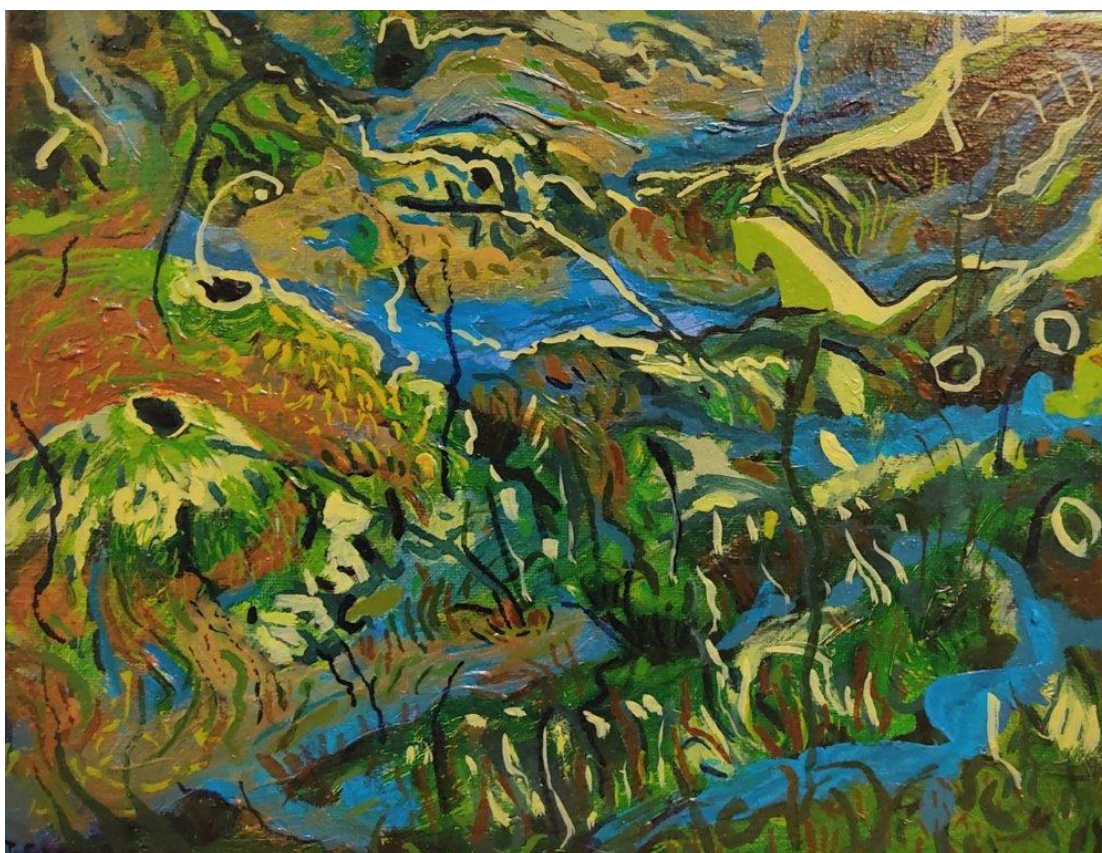


Figura 3 - Ilídio Salteiro, Sem título, 2022, óleo sobre tela, 24 x 30 cm.

O mundo agora acontece mais em miniatura, numa proliferação de pequenas tocas e casinhas de moluscos e bivalves, espécie de “Portugal dos Muito Pequenos,” de olhares escondidos e à espreita. Aguarda-se alimento, espera-se a maré. Demora-se o sol, e com ele a presa desprevenida, para uma correria súbita sobre o lamaçal brilhante, bicharocos que não pesam sobre o húmus, mas que deixam minúsculos trilhos, marcados na lama, ritmados pelo dealbar das cascas, pelo negociar daquela cómica locomoção, movimento intermitente e arrastado, de quem tem poucas, ou nenhuma, patas.

A textura da paisagem é pois seca e avermelhada, ou húmida e brilhante. Assim como a textura da pintura de Ilídio Salteiro é oleosa, feita de camadas sobrepostas, ondulantes, sensuais e quase transparentes. É um mundo intrigante, e sempre desconhecido, para lá dos muros que se representam na tela, aqui e ali, para além da fronteira anotada ao fundo dos terrenos, no limite destes quintais imaginários (Cartaxo, 2020).



Figura 4 - Ilídio Salteiro, Sem título, 2022, óleo sobre tela, 70 x 100 cm.

4. Paraíso perdido

Para lá do rio, da fronteira, e do mar, está um mundo apartado, intangível, separado e dividido. Imagina-se um paraíso original e perdido, um vestígio de uma harmonia inicial e adâmica (Vieira, 2019).

O eco deste tempo primevo, uma vez original e límpido, ressoa agora em vestígios vivos e tortos, ressumando esterco e revelando massas aplastadas e orgânicas: os escondidos vermes há muito digeriram o húmus, escureceram-no, agregando a terra escura e fértil, numa quase argila escorregadia. Os corpos banham-se nos restos de si mesmos, lustrosos e apetitosos, aos olhos dos pássaros gulosos da beira-mar.

O mundo foi, pois, povoado de vida, branca e verde, pura e pútrida. Assim as águas subiram e desceram, a espaços de marés cautelosas e amigas, vezes sem fim, que mantêm verdes as linhas de nível que assinalam o começo e o fim deste horizonte fértil, ora seco, ora húmido e brilhante. O terreno está pintado de verde cinábrio, enlodaçado, vivo, emergente ou afundado, consoante é olhado na maré cheia ou na maré vazia. Nasce-se, pois, duas vezes por dia, ao sol e à lua, como numa respiração aquática e anfíbia de um enorme Leviatan, contemplando, em terra, o outro bicho, o enorme e pesado Beemote.

5. Leviatan e Beemote: as bestas do Livro de Joh

As pesadas bestas mediram-se, e enfrentaram-se, talvez, no passado: são os monstros dos patriarcas.

Um, em terra, grande, imenso, mais do que mastodôntico, de cauda “[...] como (um ramo) de cedro,” e com “os nervos de suas coxas” entrelaçados; e com ossos que “[...] são tubos de bronze, sua estrutura é feita de barras de ferro,” vagando devagar, pastando por ali (Joh, 40:15-16). Era Beemote.

E o outro, na água, monstruoso e anfíbio, espécie de “serpente marinha, longa, forte, tortuosa e veloz.” Era Leviatan, o que sobreviveu.

É exemplo, este, da força desmedida dos tempos antigos que nos formaram: “ninguém é bastante ousado para provocá-lo; quem a ele resistiria face a face? Quem pôde afrontá-lo e sair com vida debaixo de toda a extensão do céu? Quem lhe abriu os dois batentes da goela, em que seus dentes fazem reinar o terror? Quando se levanta, tremem as ondas do mar, as vagas do mar se afastam (Joh 40:15-16).

Este mundo novo é agora outro, o que sobrou destes seres e do seu combate desmedido. As suas pegadas, as marcas dos seus corpos, as impressões das suas carapaças, os vestígios das suas escamas nodosas, das suas caudas a abaterem-se das alturas e a tombarem sobre os lodos e as areias. Os golpes da luta vagarosa e maciça, traiçoeira e prolongada, dia após dia, desde os tempos antigos, ano após ano, até por fim, ao fim de séculos, de milénios demorados e pausados, um deles ceder, sangrando sobre um mar agora vermelho. Exangue, exhibe uma alta velhice como a das montanhas erodidas e a dos velhos patriarcas, ferido e exaurido.

Beemote jazia morto numa praia, inchado de chagas putrefactas e de gorduras expostas cozendo ao sol e ao calor, enxameado de parasitas e insetos, de borco, sobre um oceano de líquidos humoríferos. Os pássaros necrófagos voltejam sobre os ares nauseantes e fétidos.

Este mundo que nos chegou é ainda quase informe, semi-lustral e feito dos restos, dos acidentes, marcas, indícios, vestígios, desse paraíso ante-diluviano. Exibem-se os despojos em decomposição, o que sobra dos muitos vivos, das batalhas patriarcais, velhas como o Testamento dos antigos livros (Charréu, 2019).

As caudas das bestas arrastaram terras e lamas, abriram valados, rasgaram riachos e amassaram pântanos e rias. Das suas passadas sobraram acidentes encharcados, lagoas, vales em fila, todos imensos e antigos. Das suas costas sobraram os extensos leitos de lama e de húmus que alimentam os vivos de hoje. Das suas carcaças se alimentaram gerações e gerações de pequenos seres, espantados e atentos: o Novo Mundo.

Toda esta bicharada menor, diminuta, miniatural, perscruta os céus. Interroga o passado com as suas antenas finas, com os seus delicados apêndices escópicos, lisos e delgados. Olham, sentem, como que tateando, virados para cima, para o ápice das esferas, o alto dos céus, o infinito e o azul (Rizzoli, 2018). À noite, interrogam o lugar das estrelas, que por seu turno talvez olhem para baixo, ou simplesmente nos ignorem, no silêncio dos lumes.

Vivem agora as gerações atuais destes bichos brilhantes e curiosos, talvez mais sossegadas por um presente algo mais pacificado, quase isento de bestas adâmicas. Prometem-se gestas verdejantes e intensas, para as novas espécies que delas

descendem, e espera-se que se reproduzam por seu turno, com modesto, mas certo, frenesim.

6. Babel

No tempo primordial, os homens entendiam-se, pois falavam a mesma língua (Genesis, 11). Assim construíram grandes casas, e estas cada vez maiores, porque se ouviam e ajudavam, construções tão grandes que começaram a ter uma dimensão sem par. Palácios crescentes e erguidos, dominando os horizontes, articulados em paredes sucessivas, telhados e terraços cada vez mais altos, protegidos por lances sucessivos e interligados de escadarias e de seteiras, de torres de vigia e baluartes, muralhas elevadas rodeadas de plataformas ameadas, assentes em arquivoltas de cachorrões de pedra. É uma torre grande, torre viva, de complexa e labiríntica estrutura, habitada por uma cidade suspensa sobre a paisagem, como que por um *familistério*, ou uma *icária*, de sonho, a tocar os céus do mundo (Cattani, 2017).

Era Babel, a cidade das cidades, o concentrado maior, suspenso da harmonia e do concerto humano. Visão mais desejada sobre o projeto de erigir um arqui-mundo, feito de muitas moradas, com muita vizinhança, e total entendimento. Engenharia da edificação, ponte sem par, construção erguida, revolteada sobre si mesma, enrolando-se mais para cima em direção ao infinito, espécie de arquitetura total numa orquestração perfeita. Os patamares e plataformas organizam-se e acedem-se dispostos em açoteias acasteladas, erigindo-se talvez o possível sonho de Piranesi, com abóbadas de pedra que se apoiam e abismam de par em par, produzindo no seu amplo interior os ecos desse mundo antigo. Não são ainda *Prisões*, são os sonhos erguidos de um futuro concertado, comunitário e sonhado.

A torre ergue-se e é farol do acordo e da simpatia, cúmulo distante que organiza a paisagem, para uma concórdia intrincada e sistemática, mais feliz que a da ilha de *Utopia*.

Desta torre imensa, sobra hoje só o vazio oco de uma casca imensa e branca.

7. Casa

As casas, nas pinturas de Ilídio Salteiro, são paradoxais. Lustrais, brancas, abrem-se ao espectador como alçados perspeticivados prontos a ocupar. Espaços cartesianos, despídos, amplos e ressonantes, abertos em janelas e aberturas, acessíveis em escadarias e colunatas nuas. Parecendo proteger, as casas expõem-se em amplos vãos,

iludindo o que está dentro e o que está fora. Articulam diferentes níveis, reparando-se, após alguma observação, a geral inutilidade de cada divisão - e até mesmo de cada casa. E, contudo, os olhos sentem-se confortáveis: são *casas para o olhar*.

Despojadas, nuas, brancas, estas casas ecoam os passos das pinturas a *fresco* de Giotto na Capela Scrovegni, em Pádua: são cidades ideais, ensaios para a nova *perspectiva naturalis*. Apresentam-se nelas palácios impossíveis, torreões inúteis, escadas que dão para lugar algum, pórticos expectantes e vazios, planos de arquitetura cuidadosamente organizada, suficiente, mas cega. A estrutura inventada sustenta-se pelo prazer de imaginar tridimensionalmente a sucessão de planos e paredes perspectivadas, articuladas em colunas e escadarias, balcões e torreões. A casa mostra-se sonhada, pelo desenho imaginário do pintor, pelos materiais de pintura de que é feita: os traços, a tinta e, sobretudo, a imaginação, a invenção. Talvez se erija como um possível palácio de um Príncipe ou de um Doge que habita as nuvens, e povoa a sua cidade da fantasia do sonho e da pintura. É tão ideal quanto impossível.

Podem ser casas sem portas: o olhar entra pelo seu alçado cortado pelo perspetógrafo, abrindo ao público as suas paredes finas e elegantes. Dentro de casa, sobe-se e desce-se, vigia-se a paisagem, circula-se entre colunas e escadas com proporções semi *Modular*. Avistam-se outras torres e faróis distantes, nos longes adivinhados pelas janelas abertas e vazias, abertas a um regresso guiado para uma natureza desnaturada. Nesta casa ninguém mora – apenas os sonhos. São habitadas pelo leve olhar que vagueia na paisagem. Nesta casa o olhar descansa, na brancura dos muros, na redondez das colunas. A interrogação é sobre o que nos faz aqui, vivos, contemplando os sonhos das tintas. Estranha-se o mundo porque cheira a tinta, se pega às mãos, se gruda de ocre e verdes, se mancha na tela e se desdobra nas coisas, assim iluminado.

8. Ponte

Entre dois terrenos, territórios, margens, países, mundos, uma pequena ponte, lançada, arqueada, fantasiosa. Sobre ela passeia o olhar e o rio, sobre ela uma separação metafórica, um afastamento. Ao mesmo tempo, o seu oposto: a ponte une as duas margens numa reconciliação entre opostos. A ponte pode ser uma síntese em direção ao absoluto. A ponte antes da vida, para uns, a ponte antes da morte, para os condenados.

A ponte ergue-se vaidosa, branca e reconciliadora. No caminho das águas, a ponte, central e organizadora, encontro e passagem obrigatória, divide o rio e liga ambas as partes. Passar o rio a vau, atravessá-la, é diminuí-la, esvaziá-la. Mas a ponte ergue-se e vale por si mesma. É uma ponte para contemplar, e viajar na hipótese do seu atravessamento. A ponte preenche a vontade de viagem, simula um transporte, uma evasão. Ela é em si mesma uma ultrapassagem concretizada na dureza da sua construção, espécie de hiper-corpo dobrado para longe, convidando os próximos sobre o infinito.

A ponte precisa do rio para se justificar, para se tornar harmoniosa e útil, para pontuar a paisagem com a sua marca de autoridade sempre humana. A ponte foi sonhada e responde à tranquilidade dos pescadores e dos namorados. Testemunha de pensamentos absortos, olhares sobre os horizontes, relances de cima para baixo, a pique, sobre as rias tépidas e transparentes, revelando os cabozes e as enguias, que ondeiam ali em baixo.

A ponte sugere também uma ilha, uma insularidade. Há sempre um outro lado, esteja-se em qualquer das margens. Há sempre um desejo, um anseio, uma vontade, concretizada na ponte.

9. Rias

As rias são braços espraiados pelas areias costeiras de águas marinhas, mais ou menos assoreadas, com marés, frias e fecundas, vivas e salgadas. De fundos rasos, as rias afundam-se em lodo morno, fermentado, prene de decomposição anaeróbica. São águas claras, escurecidas pelo fundo próximo, que nos recorda com doçura a inevitabilidade da decadência tépida.

Rasantes à linha de água, as matas ciliares, de caules imersos na água, jacintos e canaviais, folhas acerosas da particular flora vascular arenícola que se agrupa em amontoados arrumados. Caules adornados como soldados exaustos à beira do cerco pelas águas, de joelhos e ancas submersas nas raízes aéreas, de armas caladas e inúteis. Cardos e narcisos pontuam as lamas e as ilhas-barreira, nas restingas e nos bancos de areia. Adivinham-se as dunas mais adiante, cortadas por uma nova ribeira.

10. Vida

É nos sapais que se coroa a experiência extrema desta salinidade exuberante e viva. As pequenas salicórnias, as vistosas limónias roxas e outros cardos silvestres rodeiam os

habitats ricos. Os flamingos passeiam ao longe, pata submersa, pata emersa, procurando o marisco mais escondido no fundo dos lodos.

Os anfíbios também por aqui nadam, talvez girinos, exibindo a todos as suas estranhas metamorfoses. Corpos translúcidos das violentas apoptoses luxuriantes e belas, numa dança dos vivos quase infinita. Algumas lampreias saltam e enchem os ares com os seus brilhos sanguinolentos, miram os céus em busca de presas, e luzem à lua, parecendo anunciar as vantagens do seu sangue-frio. Caranguejos vagueiam oblíquos, de manápula erguida, prontos a medirem territórios entre si.

Que terrenos são estes que ocupam os vivos, mais ou menos afundados, odoríferos, repletos de respiradouros dos muitos outros seres que se esgueiram lodo abaixo, em direção à gelatina subaquática, mole e morna.

A natureza está atenta, e mostra-se. Ilídio Salteiro anota os seus ritmos, as suas marcas e vestígios, com a tranquilidade de um asceta: na sua variedade escondida e discreta, o pintor reúne alimento, numa dieta rigorosa e frugal. Das suas terras de sombra, escuras e moles, opacas e lodacentas, o artista faz surgir o sol e a luz sobre o pano da tela espantada. Outrora branca, agora tingida de sol e de matéria, eis a ilusão da pintura. As terras, as argilas, os tons férreos, as lamas verdecentas, tudo isto é aproveitado há muitos anos por muitos pintores para as suas obras.

11. Árvore

A árvore é meridional, como uma oliveira, uma alfarrobeira, de ramos incertos e entreabertos como dedos. Ela contempla o céu, entalada com a terra, a que se abraça, agarrada. Para sempre interdita e como que num espanto petrificado, as suas folhas nítidas e recortadas são atentas à luz do sol, e para ele se dirigem, páginas estendidas como olhos abertos e sedentos de alimento. O sangue das árvores é verde, e elas como que sangram essa cor à nossa vista, com uma intensidade já cansada pelo estio do verão. No seu corpo rijo circula uma corrente que une o céu à terra num ciclo permanente e calcificado. O cerne do tronco conta as estações e vive as voltas do mundo. A árvore pensa a sequência do frio e do quente, e anota as viagens terrestres endurecendo, crescendo, engrossando, afirmando-se na terra avermelhada e seca.

As árvores de Ilídio são vivas, orgânicas, articuladas em ramagens traçadas atentamente, perscrutantes, interrogando a atmosfera que respiram. Habitam e

dividem a terra e partilham os seus recursos com os seres do *habitat* meridional, seco e quente.

Sobre os seus ramos pousam as cigarras, estridentes e incansáveis, que anunciam os dias de canícula, as tardes de secura, as noites tépidas e fundas. Pousam nos pequenos e delgados ramos, que se dividem árvore acima até cada um erguer ao alto uma só folha, como uma pequena bandeira levantada ao vento e ao céu. Só as árvores sabem quantas folhas têm, mais ninguém.

12. O livro e a clareira

Os livros atravessam a pintura de Ilídio Salteiro constantemente, desde os tratados de Cenino Cenini, de Leonardo, ou os textos inquietos de Voltaire, de Shakespeare, sempre revolteando em círculos de ironia. A tela apresenta-se com essa ambiguidade: é como uma página de um livro, onde se pode escrever (Santos, 2017). A biblioteca guarda a poesia e a prosa como os segredos, à espera de serem ouvidos pelos olhos de um leitor. Só os anjos podem ouvir as letras dos livros.

Quando se lê um livro passa-se à condição alada, com as asas que as páginas guardam, brancas e abertas, nas páginas que se dobram na lombada. Quando se fecha o livro é-se um anjo caído, que regressa assim ao mundo dos vivos.

O teatro de Gil Vicente prepara as hostes, trata dos ambiciosos, expulsa os vaidosos, os avaros, os homens maus, ou aqueles que se servem da arte e da pintura para desonrar a vida. A poesia de Petrarca e de Camões arredonda as frases dos apaixonados, dá-lhes lugar, senta-os à janela, ao parapeito, junto ao muro, perto do topo mais alto da ponte. Fala-nos do Amor. Nestes lugares que Ilídio Salteiro nos desfia, suspira-se de vida. Toca-se piano, entre elegantes, em saraus mais ou menos eruditos e incompletos. A música enuncia-se como a grande obra do silêncio, plasmada em ritmos e pinceladas. O gosto pelo rigor é classicista, a procura das ordens, das listas de coisas, das formas de organização dentro de um sistema mais alargado (Prieto, 2013; Marques, 2016).

Um livro é um segredo guardado, à espera de ser segredado. As páginas, sujas de tinta, escondem vozes que já desapareceram. Os murmúrios estão entalados entre os capítulos, numa relação de espera e de intimidade. Um dia, o livro abre-se e beija demoradamente as mãos do leitor. Perfaz-se a leitura e completa-se mais um ciclo de

segredo e partilha, iniciado há mais ou menos tempo, mais ou menos longe. O leitor abraça, longamente o seu livro, contemplando o âmago das suas páginas puras.

Como ver uma pintura? Decerto poderemos apresentar o paralelo, e arriscar, que será com a mesma abertura à interpretação com que lemos um livro. E como ler um livro? Explica Lobo Antunes (2024):

[...] tendemos a abrir o livro com a nossa chave de leitor, a nossa experiência de vida, as nossas leituras, referências e aquilo que vivemos, mas devíamos abrir o livro com a chave do livro. Aconteceu-me isso com alguns escritores de quem gosto muito; na primeira leitura vieram rebarbativos e não estava a perceber nada - porque os meus mecanismos lógicos estavam a funcionar de uma forma muito intensa e quase exigiam uma causalidade - e foi então que passei a lê-los como se caminhasse no nevoeiro. A certa altura entra-se numa clareira e tudo se ilumina - para trás fica tudo iluminado e para a frente também - esses momentos são de uma grande felicidade e de um prazer intenso enquanto leitor.

A chave do livro pode ser parecida com a da pintura. Basta caminhar na sua direção, aproximarmo-nos da sua superfície, internarmo-nos nela como se a verticalidade plana da tela pudesse confundir-se com a horizontal profunda da planície, alongada até ao infinito, por onde caminhamos até chegamos à clareira, de onde se avista, claro e nítido, o Parnaso, o primeiro e o último, no horizonte dos pintores.

Conclusão

A pintura de Ilídio Salteiro é entendida como uma libertação do mundo onde estamos temporariamente presos. Através dela podemos evadirmo-nos para terras desejadas, sonhadas, imaginadas, preferidas. A obra é como que uma supra-pintura, feita de desejo, em tensão com o seu correlato de realidade. A proposta é franca e bela: um voo através das fibras pintadas na tela, para os lugares alternativos concebidos pela nova interpelação aos vivos. A pintura mostra o mundo novo.

A pintura de Ilídio Salteiro visita alguns *tópoi*, para construir uma tópica constelada para uma paisagem inventada. Podemos visitar a sua proposta para um novo mundo, repartido em momentos arquitetónicos, geográficos e referenciais que se articulam na plasticidade pictórica. Plasticidade ancorada e enraizada numa terra avermelhada,

meridional, relevada entre dunas e pomares, partilhando a aridez com a fecundidade doce dos frutos meridionais.

Esta terra morna é remanescente dos tempos primordiais, da realidade ante-diluviana, do registo paradisíaco. Os tempos adâmicos ressoam pelos vestígios presentes na paisagem, adivinhando-se as marcas das lutas das bestas antigas, que deixaram valados e pântanos, rias e ribanceiras. Quase desses tempos, da intimidade dos patriarcas, a edificação fabulosa, a torre de Babel feita de uma só língua e de uma só clara tinta, num projeto abortado porque tocava os céus. Desses tempos sobraram marcas, vestígios, cicatrizes na massa da terra, e na massa da tinta, na pintura que a revela.

A casa, emprestada das estâncias de Giotto, precisamente dos seus *tempietos*, em Scrovegni, Pádua, abre-se como um balcão perpétuo para um enquadramento janelar, como numa perspectiva albertiana. Da janela, a paisagem é agora o objeto para o *olho prínceps* que tudo que organizar e quer dominar.

Entre os acidentes e as rias, a promessa da ponte, que divide, que pontua, que concretiza um desejo de superação refletido. A meio da paisagem, lança-se a sua promessa, de futuro e de distância, de chegada e de partida, de evasão e de desaparecimento. A ponte diz que partimos (Villa, 2019).

As árvores são mansas e doces, porque ricas e generosas. Uma em particular, num dos sonetos, repete a árvore da *Deposição de Cristo*, de Giotto, presente na igreja perto de Pádua, com as suas exatas folhas. A árvore de Giotto revela uma estação do ano, um instante para se emancipar na *perspetiva naturalis* apresentada em tudo o resto. As folhas, espantadas, viradas ao céu, parecem interrogá-lo.

O livro é um referencial permanente para Ilídio Salteiro. As suas referências são ilustradas e nele se adivinha uma chave para a pintura. Acompanha-se a irrequietude de Calibã, incitado por Próspero, numa ilha de esperas e de medos, encantada de sonho.

O projeto é de uma integral mundividência que celebra a pintura e a arte, numa apresentação despojada e nítida, onde cada um de nós, espectadores, partilha do mesmo espanto com que as criaturas, acoitadas, nos espreitam, no meio da tinta.

Referências

- ANTUNES, António Lobo & Silva, João Céu e. *Uma longa viagem com António Lobo Antunes*. Lisboa: Contraponto, 2024, ISBN: 978-989-666-481-7.
- CARTAXO, Zalinda (2020) "A Pintura como Pensamento". In: FERREIRA, António Quadros. *Pintura como Pensamento*. Torres Vedras: Câmara Municipal, p. 50-57, 2021.
- CATTANI, Icleia. "João Paulo Queiroz: Na Paisagem". In: Na paisagem, de João Paulo Queiroz. *Catálogo da exposição, Pinacoteca do Instituto das Artes*, Porto Alegre, Brasil, 2017.
- CHARRÉU, Leonardo. "Outros modos, outras narrativas da paisagem figurada nas micropinturas contemporâneas de João Paulo Queiroz". In: *Revista Gama*, Vol. 7, N. 14. Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2019.
- CIRILLO, José. "Inquietude Domada: entre o céu e a terra". In: *Es Hoje*, 2024. URL: <https://eshoje.com.br/colunistas/jose-cirillo/2024/11/inquietude-domada-entre-o-ceu-e-a-terra/>
- FERREIRA, António Quadros. *A Pintura é uma Lição: Sciencia Potentia Est*. Porto: i2ads Instituto de Investigação em Artes, Design e Sociedade, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto & Edições Afrontamento, 2022, ISBN 978-989-9049-28-4.
- MARQUES, Inês Andrade. "Quando o artista 'se apropria do Espaço como coisa sua'". In: *Revista Gama*, Estudos Artísticos, 2016, ISSN 2182-8539, e-ISSN 2182-8725, 4 (7): 121-128. URL: <http://hdl.handle.net/10451/34089>.
- PRIETO, Margarida. "À espera". In: *Revista: Estúdio, Artistas sobre outras Obras*, 2013, ISSN 1647-6158, e-ISSN 1647-7316. Vol. 4 (8): 335-343. URL <http://www.scielo.mec.pt/pdf/est/v4n8/v4n8a45.pdf>.
- RIZZOLI, Marcos. "Editorial Éter: Entre a pesquisa de linguagem e o Sistema da Arte." In: *Mello, Paulo*, 2018. *O dogmático mercado de arte: Uma crítica contemporânea em desenvolvimento*. São Paulo: CIANTEC, 2018. https://www.academia.edu/43579430/O_DOGM%C3%81TICO_MERCADO_DE_ARTE_Uma_cr%C3%ADtica_contempor%C3%A2nea_em_desenvolvimento.
- SANTOS, Luísa. "João Paulo Queiroz: Desenhos, 2005-2016. Acalmar a natureza inquieta do lugar". In: *Revista Estúdio, artistas sobre outras obras*, 2017, ISSN 1647-6158 e-ISSN 1647-7316. 8, (17), janeiro-março. 28-41. URL: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/est/v8n17/v8n17a03.pdf>.
- VEIRA, Joaquim Pinto. *Riscotudo: João Paulo Queiroz 26.02.2019*, 2019. Em linha: URL: <https://riscotudo.wordpress.com/2019/02/10/joao-paulo-queiroz-26-02-2018/>
- VILLA, Danillo & OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de. "A experiência que a vista alcança: desdobrando paisagens sob a perspectiva de seis artistas contemporâneos". In: *Revista Croma*, Estudos Artísticos, 2019, ISSN 2182-8547, e-ISSN 2182-8717. 7(13), 116-128. URL: https://croma.belasartes.ulisboa.pt/C_v7_iss13.pdf